

# TESTEMUNHO

**GUARIMÃ**

REVISTA DE ANTROPOLOGIA & POLÍTICA

LAO-MONTES, Agustín. Por que fanon? Um testemunho pluriversal porto-riquenho. *Guarimã: Revista de Antropologia Política*. v. 4, n. 1, p. 295-297, janeiro/julho de 2024.

## **POR QUE FANON? UM TESTEMUNHO PLURIVERSAL PORTO-RIQUENHO**

**Agustín Lao-Montes (UMASS AMHERST/ESTADOS UNIDOS)<sup>169</sup>**

<https://orcid.org/0000-0002-1497-2914>

Fanon tem sido uma influência importante na minha vida desde a adolescência! Como um jovem radical porto-riquenho, fui formado na década de 1970 com os argumentos de Fanon sobre o caráter do colonialismo e seu tipo de política anticolonial. A cultura política do movimento porto-riquenho contra o colonialismo e pela libertação nacional da década de 1970, na qual nasci como um intelectual-ativista radical, tinha Fanon e Marx como nossos principais referentes teóricos e políticos. Do marxismo, aprendemos que o movimento pela “independência” do domínio imperial dos EUA deveria ser enquadrado dentro de um projeto socialista contra o capitalismo mundial. Fanon forneceu os principais argumentos, a principal estrutura teórica e política para uma postura e projeto que agora podemos chamar de política descolonial radical. Três pilares fanonianos para o radicalismo porto-riquenho da década de 1970 foram: primeiro, a análise de Fanon do eu colonial em termos de alienação, devido à identificação do colonizado com o colonizador, negando assim sua própria definição de ser/eu; segundo, sua teoria do colonialismo como uma formação histórica totalmente violenta baseada no exercício diário de violência física, psicológica e epistêmica contra povos-sujeitos colonizados, que justifica ética e politicamente a práxis da violência anticolonial como um caminho para a libertação não apenas do colonizado, mas também da humanidade como um todo; e terceiro, uma radicalização do projeto de independência para a dominação imperial por meio de uma política de libertação nacional.

---

169. Associate Professor of Sociology & Afro-American Studies, University of Massachusetts Amherst.

Agora sou professor de sociologia e estudos africanos, e um ativista de esquerda focado em movimentos negros nas Américas. Como estudante de graduação, estudei filosofia e psicologia. Fanon tem sido uma grande influência na maneira como faço filosofia e psicanálise desde que o li pela primeira vez na década de 1970. Para mim, *Pele Negra, Máscara Branca* foi um texto fundamental para entender o inconsciente racial-colonial, bem como o método fenomenológico existencial de Fanon, que não é derivado de Sartre e Merleau-Ponty, mas um modo original de conhecimento crítico do eu colonial, decorrente de uma autorreflexão ontológica de um ativista-pensador negro caribenho. Quando deixei Porto Rico para cursar pós-graduação em economia política na New School for Social Research em Nova York, Fanon persistiu como uma influência fundamental. Mantive interesse na dimensão subjetiva do capitalismo racial-colonial, o que me levou a reafirmar a centralidade de Fanon na hermenêutica do sujeito moderno — tanto o colonizado quanto o colonizador — e na busca pela cura da neurose coletiva provocada por um sistema mundial na chave fanoniana, pela organização para uma mudança radical, bem como pela práxis da psicologia social da libertação.

Estudar economia política me levou a retornar a *Os Miseráveis da Terra*, onde há uma análise crítica do desenvolvimento desigual e da troca desigual na economia-mundo capitalista. Em 2003, escrevi o Prólogo para uma nova edição cubana do livro, para explorar as ideias de Fanon sobre economia política global e teoria e prática política radical. Nesta investigação, percebi convergências significativas entre Fanon e as versões mais críticas das teorias de dependência latino-americanas. Fanon enquadrou sua crítica às elites neocoloniais como incapazes de liderar a verdadeira libertação nacional em termos de sua localização econômica, política e cultural subordinada no sistema global capitalista, ou seja, de sua dependência. Sua concepção de descolonização defende a construção de uma política democrática radical baseada na agência e nas aspirações do povo-nação. Nessa chave, o Partido dos Panteras Negras nos EUA, que reconheceu Fanon como um pilar de sua política, usou o slogan “Todo o Poder para o Povo”.

Nos últimos trinta anos, estive em dois movimentos político-epistêmicos de influência histórico-mundial onde o trabalho de Fanon é um referente principal: primeiro os Estudos Culturais e depois a Virada Decolonial. A vertente da crítica pós-colonial, que foi um elemento central no movimento dos estudos culturais, conforme concebido por figuras como Edward Said, Gayatri Spivak, Homi Bhabha e Stuart Hall, destacou suas leituras de Fanon como uma figura importante. Mas o movimento que finalmente valorizou Fanon completamente foi a Virada Decolonial que decolou no início do século XXI. Há, pelo menos,

três razões entrelaçadas pelas quais a Virada Decolonial oferece as condições de possibilidade para o reconhecimento de Fanon como uma das principais figuras intelectuais e políticas do século XX: primeiro, marca o fim da Era da Europa (como observado por Cesaire e Fanon), o que abre a possibilidade de globalizar a teoria crítica e a política radical, para uma agenda epistêmica e política mais “mundana” onde Fanon brilha; 2) é sintomático de uma crise civilizacional do capitalismo onde todas as dimensões da existência coletiva — ecológica, econômica, ética, epistêmica, política — estão comprometidas, uma condição planetária onde a crítica radical de Fanon é cada vez mais relevante; 3) portanto, surge uma onda de movimentos antissistêmicos que desafiam fundamentalmente, à la Fanon, todas as dimensões do sistema-mundo capitalista moderno/colonial.

Fanon é ainda mais atual e contemporâneo no centenário de seu nascimento do que no momento de sua morte física, quando se tornou uma das principais inspirações para os movimentos antissistêmicos das décadas de 1960 e 1970, incluindo a ascensão dos movimentos de descolonização que alcançaram a independência do governo imperial na África e no Caribe, um apelo pela “segunda independência” na América Latina e a “esquerda do terceiro mundo” nos EUA. Dois de seus outros livros, *Um colonialismo moribundo* e *Rumo à Revolução Africana*, são testemunhos da visão profética de Fanon para os tempos. No entanto, Fanon como um pensador crítico e um ativista radical transcende seus tempos. Seu legado de criatividade crítica, sensibilidade radical, integridade moral e coerência entre teoria e práxis, entre palavras e ações, permanece relevante como um recurso epistêmico e ético para os tempos de profunda crise que estamos vivendo, um interregno que, como disse Gramsci, o velho não morreu e o novo ainda não nasceu. O humanismo negro radical de Fanon responde a uma condição humana totalmente violenta e destrutiva que ameaça a própria vida com uma poética e política de amor, um projeto de descolonização como a humanização da humanidade que, necessariamente, significa dismantelar a ordem racial-colonial das coisas. Tudo isso faz de Fanon um clássico, um pensador essencial, um exemplo primordial de um intelectual revolucionário por compreender profundamente o passado e o presente, e por forjar futuros fundados em princípios e caminhos de libertação. Portanto, ao contrário da declaração de Hannah Arendt de que ele era um “profeta da violência”, afirmamos que Fanon é um profeta da esperança.